«PROBLEMAS PSICOLÓGICOS LEVANTADOS PELA EQUIPA TÉCNICA DUM CENTRO DE REABILITAÇÃO DE CEGOS»

por *Maria Isolina Pinto Borges*

Quando me propus falar dos problemas psicológicos sugeridos pela equipa técnica dum Centro de reabilitação de cegos, não o localizei por me parecer, que embora qualquer equipa técnica apresente as suas características específicas no ponto de vista profissional e de interacção pessoal, a verdade é que é dos denominadores comuns que esperamos tirar conclusões válidas e, quanto possível, universais.

Não se podem, entretanto, deixar de mencionar os numeradores, pois eles dão aos seres e aos factos, a referência intencional de adesão à vida, e prescindem da localização no tempo e no espaço. A equipa que me serviu de tema é a do Centro de Reabilitação da Granja, que funciona na povoação costeira do mesmo nome, e que ainda não tem um ano de existência.

Os problemas levantados são os seus problemas durante este período, nem sempre verbalizados na sua reunião semanal ou quinzenal, quando se avalia o aproveitamento dos estagiários — assim se designam os cegos que ali se reabilitam — ou se procura resolver aspectos práticos de adaptação. Se aqueles que vou focar, terão ou muito ou pouco de comum com os de equipas congéneres recentes, e o modo como aí começam a ferver os problemas, de qualquer pequeno ou grande grupo, é o que veremos. De qualquer modo, os «problemas psicológicos», deverão aqui ser entendidos

mais como experiência vivencial da interrelação orientadores e orientados, do que uma análise da dinâmica de cada um dos dois grupos.

Não sendo objectivo deste trabalho a discriminação das diversas tarefas que ocupam o pessoal dum Centro de reabilitação dos moldes deste, é importante salientar que há ali actualmente uma equipa constituída por oito elementos, dois masculinos e seis femininos, ligados a funções diferentes: serviço social, montagem, oficinas, Braille, dactilografia, actividades da vida diária e locomoção.

Preparados tècnicamente durante o estágio no Centro de Nossa Senhora dos Anjos em Lisboa, ao qual o Centro do Norte está oficialmente vinculado, devidamente informados e consciencializados das funções a assumir, com a experiência mínima considerada indispensável, aceitam como ponto de partida do seu trabalho, que qualquer pessoa a reeducar é uma unidade, e que na cegueira, a motivação fisiológica passa a ser apenas um dos elementos do condicionamento psíquico; não ignoram que a tarefa lhes será facilitada e coroada de êxito se o cego aceitar que uma nova forma de ver tem de ser organizada; isto é, se aceitar a própria cegueira.

Nos 8 elementos que constituem a equipa, há, segundo a classificação de Yung, dois extravertidos e seis introvertidos, entre os vinte e vinte e oito anos, o que, atendendo ainda ao predomínio do sexo feminino, não seria uma proporção ideal para libertar as tensões de grupo, se outros traços do ponto de vista caracterológico não compensassem a introversão, e se a sua evolução não dependesse de interesses comuns, como sempre acontece em grupos profissionais. E aqui surgem, em primeiro plano, duas realidades vivas, uma móvel — saem indivíduos reabilitados ao fim de 3, 4, 5 e 6 meses, período em que vivem no Centro — outra fixa e de certo modo subordinante da primeira. O contacto entre técnicos e estagiários é feito através das aulas que funcionam em áreas separadas, comportando cada uma 4 alunos no máximo. O número de estagiários nunca excede 12.

Estas características, implicam imediatamente nos 2 grupos feições diferentes: para os técnicos, o cego que entra, é aquele que, avaliado do ponto de vista intelectual, habilidades específicas e personalidade, há-de sair passados uns meses com possibilidades de construir ou reconstruir vida própria e integrar-se no meio social. A sua colocação fica ainda a cargo do Centro.

Neste afã, e presos às noções adquiridas, criaram o arquétipo duma peça que é necessário trabalhar, diferenciar e muitas vezes individualizar

(estes termos não são estritamente empregues no sentido yungiano). Mas não há dúvidas de que toda a teoria sofre abalos profundos, quando as peças se lhes escapam dos moldes preconcebidos, se lhes torcem nas mãos, ou desmoronam com as cuidados extremos.

Por outro lado, é em face disso, que eles tomam consciência de que a pessoa em abstracto tem pouco de comum com o homem concreto, que este na sua vida diária, participa dos próprios condicionamentos em função de outros condicionamentos, é que o cego, além da perda de um esquema, substituído ou não por outros esquemas, é realmente, sobretudo quando se opõe ao meio e aos próprios técnicos, um ser vivo em quem as prerrogativas latentes ou manifestas de participação numa pequena sociedade, têm tanta força como qualquer outra força, cujos impulsos foram modificados, em função de estruturas mais ou menos alteradas.

Neste sentido, podemos assistir a dificuldades de aceitação, por parte dos cegos, não só dos moldes de aprendizagem, mas mesmo da finalidade e proveito dessa aprendizagem, independentemente de todos os esclarecimentos. Tais dificuldades levaram o grupo técnico, dois meses após a abertura do Centro, a desorientar-se perante a parte da tarefa, que, implícita às suas atribuições, não é transmissível através de qualquer conhecimento teórico: aguentar todo o peso, todas as interrogações, todas as cargas que um indivíduo como unidade comporta.

Como defesa inconsciente da situação apareceram duas soluções das quais a primeira foi largamente discutida em reuniões sucessivas, e a segunda apenas aflorada verbalmente.

Primeira — Orientarem-se exclusivamente para os aspectos técnicos, no sentido de ajudar os cegos a uma integração formal, tal como, movimentarem-se no meio da multidão ou do bulício da cidade com um mínimo de risco, desenvolverem o tacto e a coordenação motora, iniciarem-se nas diversas actividades domésticas sem distinção de sexo, adquirirem uma preparação profissional adequada às suas possibilidades intelectuais e tendências próprias, condicionadas aliás pelo que o meio lhes pode fornecer.

Segunda — Tomar a seu cargo o novo estagiário de ante e post-cegueira, captar a profundidade do seu traumatismo, que é o de viver numa sociedade de indivíduos que vêem; crer que nem tudo é recuperável, e que muitas vezes o que foi definitivamente perdido do ponto de vista psicológico, é indispensável para um resultado mínimo de reintegração social;

aceitar que qualquer reabilitação autêntica exige um renascer sujeito a leis diferentes para cada caso.

Esta segunda solução, porém, envolvia implicações tão profundas, que acabou por identificar particularmente os membros da equipa técnica, envolvendo-os de um Eu defensivo e oponente que, prevendo as forças do Outro, permanece fora das pré-motivações que levaram o cego a procurar o Centro, pré-motivações muitas vezes na linha directa do seu rendimento de aprendizagem, por serem a chave, ou pelo menos o caudal do seu particularizado Eu. E então, rapidamente, as exigências do grupo de estagiários, esboçadas nos primeiros contactos, avolumaram-se em quantidade e empobreceram de qualidade; de início, procuravam os técnicos, porque os problemas de adaptação e de integração futura lhes trazia um «volte-face» inesperado ao seu limitado mundo; agora, procuram-nos por pequenos nada da vida quotidiana, sem interesse imediato, a não ser no simbolismo. E nessas reivindicações, agredem-se podem, uma vez que a descompensação se agrava. Não há dúvidas de que constituiu uma forma de afirmação agressiva, o seu pedido, 4 meses após a abertura do Centro, para uma reunião em comum onde pudessem expor todas as dificuldades. Desenharam-se nessa reunião as coordenadas da primeira etapa do ciclo de evolução-maturação para o grupo técnico.

Tão ocasionalmente quanto é possível em situações idênticas, os dois grupos colocaram-se frente a frente e o «leader» cego, brotou ao fim de minutos, com a espontaneidade dos factos simples e inadiáveis, começando por valorizar os aspectos estritamente pedagógicos, e a apelar, para a resolução de pseudo problemas diários, que os fazia sentirem-se hóspedes bem tratados em cujo tratamento, por vezes, havia falhas. Muitos deles estavam incomparavelmente melhor instalados do que nos próprios lares, mas não desejavam a situação que lhes era dada. Não lhes chegava. Pelo contrário, pesava-lhes mais do que as explorações ou agressões de que às vezes em suas casas eram vítimas. É vulgar este modo de reagir em instituições do mesmo tipo: sentirem-se os beneficiados senhores de uma independência que rejeitam por ser uma falsa independência, visto que lhes falta a ligação inicial; esta, ou nunca existiu, ou, apenas esboçada, se frustrou.

Como acontece, sempre que as circunstâncias não permitem adiar resoluções, e as resoluções não são fáceis, os nossos 8 jovens saíram algo traumatizados desta reunião. É evidente que o facto dela se ter realizado, já implicava um contar com a sua receptividade e com forças dinâmicas em

franco andamento. A angústia levava o técnico a defender-se; mas neste caso, seria apenas uma imagem da angústia, se não se transformasse em forma de processo para uma constituição real de equipa e de grupo. E então, os problemas choeram, as agressões avolumaram-se; os velhos temas de vida das diferentes formas de comunicação e da morte eclodiram. Houve cortes de relações e intensificação de relações. Rejeição de elementos e adopção de elementos em ambos os grupos.

Os processos pelos quais esses fenómenos se deram, e se dão ainda, raramente são suaves ou oportunos. Pelo contrário, há fluxos violentos, que por vezes é necessário canalizar. Particularizá-los, e referi-los, o que teria muito interesse neste trabalho, é tirá-los dos caminhos apertados onde outros estádios importantes se forjam, e tornar vulnerável uma premência que tem as suas razões legítimas de resistir intacta. Todas as tomadas de consciência, com ajuda ou sem ela, aguardam o seu momento único. O que não pode deixar de ser apontado, é a súbita quietude dos estagiários após a reunião dos dois grupos, o seu começar «a sentir-se em casa», lento, quase a medo, como se deste modo procurassem dar um apoio de tipo especial aos seus orientadores. Esta alternância e ambivalência de atitudes, não poderia deixar de vencer e criar novas resistências nas relações dos dois grupos.

Se o nosso viver no mundo, para a psicologia fenomenológica, se determina por objectos carregados de significado, é em função do enriquecimento constante desse significado, que, na microsociologia preconizada por Gurvitch se passa da «massa à comunidade». E os factos estão-se enriquecendo para a equipa técnica, proporcionando à sua juventude uma aprendizagem específica: se lógica e teóricamente, a unidade das suas próprias pessoas fora uma realidade psicológica e cronológica, desdobrava-se agora de mil maneiras diferentes, para se reagrupar com facetas novas, que lhes eram fornecidas pelos elementos deles dependentes. Como um pequeno cosmo de mónadas, passam a reflectir constantemente a esfera dos outros, e constituindo a cegueira o conteúdo objectivado da sua coexistência em grupo, sentem que há aí um tipo de morte que o Centro procura substituir por vida, e reagem a esse facto de forma adequada, desejando-a de origem afastada no tempo, e, facilmente substituível por outras formas de entrar em contacto com a realidade. Por isso, a rapariga cega de 18 anos, alegre e bonita, que passa o dia a cantar, não nos incomoda de modo nenhum, tanto mais que a sua cegueira é congénita, quer dizer, de antes do berço, longínqua.

Mas aquele rapaz cabisbaixo, que cegou há 2 anos, e chora de vez em quando, traz-lhes um mal estar grande, deixa-os amarfanhados: é um facto próximo, possível para qualquer um. Recordo-me ainda de que apareceu há pouco tempo no Centro, uma candidata de tipo marcadamente atlético, de meia idade, contacto rude e feições grossas, um tanto reivindicativa, com cegueira total adquirida em tenra idade. A sua história era uma história breve e simples por aparecer sem artifícios, mas revelava uma situação peculiar. Trabalhava há mais de 20 anos num asilo de velhas, onde as suas funções, além da limpeza, abrangiam o dormir numa enfermaria para onde eram levadas as asiladas que entravam em agonia, ou caminhavam para tal. Ela devia estar atenta às suas respirações, e verificar, pelo tacto, a sua morte. Então, tocava a uma campainha e outras pessoas viriam tomar conta do caso. Enquanto explicava esta sua forma de viver, demasiado próxima do morrer, manifestava o seu desgosto pela dificuldade que tinha em estabelecer relações de amizade com as outras ocupantes do asilo que, pelo contrário, a evitavam e procuravam ignorar. A aceitação desta candidata foi discutida em reunião, e o trágico traduzido em expressões humorísticas, o que, se por um lado poderia revelar choque, por outro envolvia a mulher com certo calor, e pelo menos não significava rejeição. Para eles, ela não simbolizou a morte, nem mesmo a morte dos velhos.

Por outro lado, constituiu assunto vivamente discutido numa reunião idêntica, o de uma estagiária jovem e inteligente que, alegando as mais variadas razões, começava e destruíra facilmente, qualquer esboço de relação amorosa. Essa instabilidade provocava constantemente reacções de agressão por parte dos dois elementos masculinos, e deu origem a uma discussão longa sobre direitos e deveres entre os dois sexos.

Entretanto, o fenómeno mais interessante a observar neste grupo recém-nascido, e que parece constituir uma forma de síntese dialéctica, foi a descoberta recente (há dez semanas, se tanto) de que, apuradas todas as técnicas, especialmente a locomoção, e corrigidas as posições dos cegos, faltava ao seu todo postural, muito da mímica expressiva que torna mais fáceis de captar as vivências, assim como a elegância do gesto que vem de dentro, e simplifica a comunicação. Pouco depois, delineou-se uma tentativa, ingénua, mas para já profícua e sobretudo bem acolhida: um dirigente duma escola de teatro de estudantes, depois de abordado, oferece-se para dar aulas de mímica aos cegos, com a colaboração dos técnicos. Pequenos pormenores, como o sentar, o levantar, o voltar a cabeça, o cortar uma

flor, o pegar num livro e cumprimentar alguém, inserem-se num contexto em que todos participam, e a que não é alheio um certo sentido de beleza e desejo de não ser o elemento desarmónico dum todo. Escolhem-se pequenas poesias e seleccionam-se os estagiários que se querem exhibir, conforme as suas possibilidades e características pessoais, como se fossem largamente conhecidos os efeitos terapêuticos do psicodrama. E o ritmo dessas lições mantém-se com uma perseverança que é de ponderar e durante elas, muito aprendem uns com os outros e uns dos outros. Surgem assuntos em que um normalmente força portas e experimenta fugas, mas o tema vem sempre à tona igual para todos: em que medida os sentimentos alienam as pessoas e como há-de o que se sente e o que se vive recortar-se e fixar-se no tempo? Onde uma filosofia de valores suficientemente universal para aceitar o que é de aceitar e rejeitar o que cada um rejeita? E este cada um, pode usufruir de todos os sentidos ou estar privado deles, pode viver num mundo de cegos, de surdos ou de paralíticos, no fundo existe em si, e as questões que põem, põem-nas porque vive, e são as de todos os que vivem. Chegados aqui, as barreiras caem e fica-se sozinho. À maneira do Sísifo dado por Camus, cada qual sente o peso da mais ínfima partícula do seu rochedo. Acrescentemos que em volta dum eixo idêntico para todos, os fardos são todos diferentes. A certeza de que, apesar de tudo cada um é dono da sua própria angústia, e pode contemplar a sequência dela, dá possibilidades infinitas à permeabilidade de todas as formas humanas.

Este, é um breve apontamento sobre algumas das dificuldades que uma equipa jovem, tècnicamente bem preparada, pode encontrar, quando a matéria-prima de trabalho é o Homem.

A observação de anos talvez venha a fornecer dados positivos à investigação. De qualquer modo, permiti-me assinalar um início farto de conclusões imediatas, que engloba o que se passou com eles em 7 ou 8 meses: a interiorização do conceito de pessoa que pode ser ou não ser cega; a importância relativa dessa cegueira perante todos os outros tipos de cegueira. Afinal, sabiam que a pessoa é um uno complexo, mas não contavam com ela; sabiam que a reabilitação só é construtiva se aquela unidade for aceite, mas não conheciam os seus próprios limites de aceitação. Ignoravam que só a coesão do grupo lhes poderia fornecer materiais adequados, e que essa coesão exigia da parte de todos um crescimento rápido

e abrupto da sua capacidade de dar. Isto porém, é um intróito muito restrito na vida profissional de qualquer equipa. Esta a que me referi, descobrirá, numa segunda fase, e na melhor das hipóteses, que, além de já ter nascido, nasceu saudável, com bom prognóstico, e passou o perigo de se tornar superprotectora. Até onde ir, os cegos ensinarão.

Porto — Maio de 1966.